

Brasil prepara reação às pressões dos bancos

SILVIA FARIA
Enviada especial

WASHINGTON. — À medida que se aproxima o fim da 45ª reunião anual do FMI e do Banco Mundial, que termina amanhã, e o Governo brasileiro não mostra disposição de pagar os juros atrasados, crescem expressivamente as pressões dos bancos privados sobre o Brasil, através de declarações públicas. Essas pressões são sancionadas pelo Governo americano, como deixaram claro o Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady e mesmo o Diretor-Gerente do FMI, Michel Camdessus, e determinam que o Brasil adote rapidamente uma estratégia para pulverizá-las. A Ministra Zélia Cardoso de Mello informou que o Comitê Assessor dos Bancos, hoje dominado pelos americanos, incluirá a participação de mais um banco português e outro alemão e dois franceses, de posição negociadora mais flexível.

O Presidente do Chase Manhattan Bank, um dos maiores credores do Brasil, Thomas Labrecque, assim como o Porta-Voz do Deutsche Bank, Hilmar Kopper, seguindo a linha do Presidente do Citicorp (o maior credor privado), John Reed, declararam ontem que o Brasil pode e deve pagar os atrasados, porque tem reservas superiores a US\$ 10 bilhões. Eles reafirmaram sua irritação com o FMI, criticando a insuficiente pressão da instituição sobre o Governo brasileiro. Consideraram, no entanto, que a posição do Fundo está mudando favoravelmente aos credores privados. Labrecque e Kopper disseram que o Brasil terá que pagar parte dos juros assim que começarem as negociações com o Comitê:

— Eles deverão pagar os juros assim que começarem as negociações, não ao fim. Eles têm que começar as negociações mostrando boa fé e pagando parte dos juros — disse Labrecque.

— Não vejo razão para que o Brasil não pague os juros — disse Kopper.

As pressões foram consideradas normais pelo Embaixador Jório Dauster. Ele não vê qualquer problema de o Brasil, no contexto de uma ampla negociação, pagar parte dos atrasados. Essa é uma questão menor, em sua opinião. O importante

para o Governo brasileiro, afirmou, é negociar a redução da dívida de US\$ 66 bilhões junto aos bancos privados.

O economista Paulo Nogueira Baptista Júnior, que foi assessor para a dívida externa dos Ministros Dilson Funaro e Bresser Pereira e que se encontra em Washington, disse que os bancos privados estão apavorados com a constante contabilização de prejuízos relativos aos atrasados brasileiros. Os bancos americanos estão em pior situação, afirmou, porque ainda não fizeram provisões e terão que submeter-se a um rigoroso ajuste para enfrentar a queda dos lucros. O Chase deve anunciar em breve seu plano de redução de despesas administrativas e de formação de reservas para enfrentar prejuízos, como anunciou a direção da instituição. O Citicorp já ocupou por vários dias o noticiário dos jornais quando, há um mês, anunciou a previsão de queda de lucratividade, em parte devido à moratória brasileira.

Ainda que o Governo brasileiro não admita publicamente que está submetido a pressões de dimensão inusitada (não se esperava que o Grupo dos Sete, que reúne os países desenvolvidos, fosse citar casos de

bancos privados), o Embaixador Dauster está articulando uma estratégia de negociação para pulverizar tais pressões. O convite a novos bancos europeus para participar do Comitê Assessor reflete essa preocupação. Entre os novos membros não há bancos americanos, os mais afetados pela moratória brasileira, nem japoneses, que também estão em situação delicada com a queda vertiginosa das ações, em consequência da crise do Golfo Pérsico. Os europeus, como já fizeram provisões, sustentam posições mais flexíveis, que podem favorecer uma solução que represente a redução do valor da dívida externa.

Depois da crise no Golfo, que obrigou os Governos dos países ricos e os organismos multilaterais a mobilizarem esforços para atender às Nações mais afetadas e evitar um colapso econômico mundial, o problema da dívida externa brasileira e o desequilíbrio financeiro provocado pela moratória técnica são o principal assunto da reunião anual do FMI e do Bird, conforme reflete a imprensa mundial, que diariamente tem trazido informações sobre o duelo verbal entre a Ministra Zélia e os representantes dos credores oficiais e privados.

Telefoto Reuter



Zélia Cardoso de Mello com o Ministro da Economia do México, Pedro Aspe